

em realizarem atividades práticas destinadas a promover e manter saúde, a prevenir e gerir doenças' (p.92), mas também como um resultado sensível dos cuidados de enfermagem nos diferentes contextos. E última instância, Fernando Petronilho reflete sobre o impacto do fenómeno autocuidado na gestão da doença crónica e no bem-estar na pessoa/família, recomendando a necessidade de desenvolvimento de modelos de intervenção adequados, de modo a 'testar a efetividade e eficiência dos cuidados [...] e encontrar as melhores respostas, face às necessidades das populações decorrentes das transições ao longo do ciclo de vida' (p.93).

Este trabalho, considerando o autocuidado como um fenómeno incontornável no contexto da saúde, para além de uma abordagem rigorosa, do ponto de vista metodológico, da clara organização dos materiais e sua discussão, abre portas para trabalhos futuros e deixa sugestões consistentes e enquadradas na realidade do panorama da saúde atual. Por isso, este livro constitui um recurso para os enfermeiros e uma referência substantiva para todos aqueles que se interessam pela transformação prática e a concepção da saúde no mundo de hoje.

**Dora Neves**

*Instituto Português de Oncologia de  
Coimbra Francisco Gentil, EPE*

**José Manuel Santos. 2012. *Introdução à Ética*. Lisboa: IFP e FCT. 304 pp. ISBN: 978-989-8618-12-2.**

'A época em que vivemos faz parte daquelas em que se assiste a um aumento da procura de ética', refere José Manuel Santos (p.34). Todavia, sendo a palavra ética uma das mais difundidas e mais constantemente utilizadas na linguagem contemporânea, o seu desvirtuamento semântico também se verifica, sobretudo pela incessante migração entre diversas formas de pensamento e diferentes linguagens.

A 'abertura do mundo' que caracteriza o ser humano marca a diferença específica da ordem cultural e, portanto, da moral enquanto norma. Ao contrário do animal não humano que vive num mundo 'fechado' ou, melhor dito, num meio para o qual está instintivamente programado, o ser humano tem um *mundo* propriamente dito, uma representação do não imediatamente presente, do não visto e do não dado, das suas múltiplas possibilidades de agir, da 'abertura', mas também da contingência, do mundo. Deste modo, tem a cada instante que *pensar* sobre o que *fazer* ou *ser* no mundo. Viver num mundo permanentemente aberto a múltiplas possibilidades exige uma preocupação particular com a orientação na vida, com a definição de um modo de viver. A questão ética formulada por Sócrates, 'como viver?', exprime o desassossego desta situação original. Uma moral que responda a esta pergunta é uma proposta humana de um modo de vida e de um modo de relação com os outros, considerada a 'melhor' entre outras possíveis.

Isto significa que a tarefa ética não se fica por uma orientação mecânica do agir, mas inclui, igualmente, a *justificação* de uma determinada maneira de agir. É sobretudo por este esforço de justificação

de modos de agir que a ética se distingue dos meios pré-éticos que quase todas as sociedades humanas colocam à disposição dos seus membros para os orientar na vida individual e social.

Quando os gregos procuraram respostas a partir da razão humana, superaram o mito; surgiu assim um novo modo de vida!. Há uma procura pelo saber, surgem respostas que que dão lugar a novas perguntas. No âmbito deste contexto, o ser humano procurou *formar-se* e ser *agente na formação* de outros pela razão. A filosofia conquistou o seu espaço e apresenta-se como reflexão sobre saber, sobre as virtudes intelectuais, na justa medida em que dão sentido às coisas. É, deste modo, o advento de um novo modo de vida em que a cultura passa a ser avaliada pela razão, pois as coisas começam a ser explicitadas e fundamentadas pelo próprio ser humano. E uma das virtudes mais fundamentais, para os gregos antigos, era a *prudência*. A *práxis*, a ação humana é fruto da *vontade* subjetiva a partir do *hábito*, singularidade do sujeito ético. Como vontade subjetiva, a ação ética manifesta a virtude, o bem moral e, como vontade objectiva, a ação ética produz a lei. 'Como devo viver?', tal é a questão ética formulada por Sócrates.

Na época 'clássica' da modernidade europeia, o horizonte da reflexão ética é a moral cristã. O indivíduo moderno coloca em causa todas as éticas que têm por base determinações heterómicas, pela incessante motivação em encontrar, em si próprio, na sua 'razão', de maneira *autónoma*, uma justificação para os seus atos. A questão ética moderna será então 'O que devo fazer?', ou seja, qual o princípio moral que deve reger os comportamentos entre os seres humanos, os outros 'seres racionais'. A função da ética passa, essencialmente, por *fundamentar*

esse princípio.

O atual aumento de interesse pela ética reside, antes de mais, num certo número de desafios que se colocam ao ser homem hodierno, derivados, sobretudo, da evolução científica e tecnológica dos últimos duzentos anos, colocando, deste modo, problemas éticos novos: preservação do meio ambiente natural, a sustentabilidade da vida humana tanto para os que hoje vivem quanto para as gerações futuras; as armas de guerra susceptíveis de destruir quase instantaneamente milhões de pessoas, ou mesmo de colocar em causa a existência da humanidade no seu todo; os problemas derivados da chamada 'globalização', ou seja, os problemas colocados pelo desenvolvimento técnico (à escala mundial) dos transportes e comunicações que fazem com que os povos e as culturas já não possam viver num certo isolamento e, por assim dizer, em circuito fechado, como acontecia no passado; as biotecnologias com novos desafios para a reflexão ética, devido ao facto de, pela primeira vez na história da humanidade o homem poder intervir na génese da vida.

A pluralidade das teorias éticas podem ser vistas como maneiras diferentes de resolver os mesmos problemas da vida prática humana, ou ainda como expressões de diferentes aspectos da dimensão ética da vida. Neste sentido, José Manuel Santos propõe o conceito de *cultura ética*, sugerindo, deste modo, que *essa* cultura não deve ignorar o conhecimento das diversas fontes do pensamento ético e, sobretudo, deve recebê-las como herança de pensamentos sempre vivos do ético, portadoras de uma dimensão fundamental da cultura e da vida.

Desta forma, o autor apresenta uma obra com contornos claramente didáticos sobre os aspetos centrais da disciplina

ética e propõe um sistema de classificação das teorias éticas. A obra, organizada em duas grandes partes, contempla, num primeiro momento, de carácter sistemático, as *tarefas* da disciplina ética, a problemática da sua *fundamentação* e as *tipologias* das teorias, organizadas a partir de conteúdos e objectivos centrados, por um lado, na especificidade da reflexão filosófica sobre os fenómenos éticos, sobre o moral e a dimensão ética da existência humana, nomeadamente a partir dos pré-conhecimentos e experiências comuns, bem como dos significados correntes de termos de carácter ético, a começar pelos termos 'ética' e 'moral' (pp. 31-59). Por outro lado, na necessidade ética de o fazer, enquanto disciplina filosófica, a partir das críticas, internas e externas, frequentemente dirigidas (pp. 9-30).

Ainda no âmbito da primeira parte da obra, José Manuel Santos realça, de modo particularmente interessante e sucinto, o estudo do estatuto epistemológico da ética, a sua função e as suas tarefas, a partir da comparação com outras disciplinas científicas e, ainda, com doutrinas morais não filosóficas (pp.60-77). Por sua vez, o estudo das principais classificações e tipos de teorias éticas foram criteriosamente apresentadas a partir das diferenças categoriais fundamentais (pp.78-129).

Na segunda parte, de carácter mais histórico, o autor acentuou o estudo e interrogação filosófica das principais teorias éticas da tradição ocidental (as éticas de Aristóteles, Epicuro e Kant) e as teorias éticas, particularmente influentes e importantes, da atualidade (a ética da discussão, em Apel e Habermas e as éticas teleológicas contemporâneas em MacIntyre e Martha Nussbaum) (pp.130-292).

É de sublinhar a importância da teoria ética no mundo atual, em que as decisões mais relevantes, nomeadamente decisões

institucionais e coletivas, são assumidas no âmbito de discussões que têm lugar na chamada *esfera pública*, significando ultrapassar a *suficiência* individual do uso da razão para a resolução de todos os problemas, e integrar a *necessidade* da defesa do bem na discussão pública generalizada.

Por isto, nada melhor do que discorrer sobre ética, tendo por suporte a reflexão filosófica. Não só porque a filosofia pensa a virtude como necessidade humana e o ser humano como um 'animal político', mas porque faz, igualmente, a reflexão da ética e do sujeito ético.

Ninguém nasce ético, tornamo-nos éticos em processo relacional. Neste sentido, não basta o desenvolvimento tecnológico, científico para que a vida fique melhor. É preciso uma boa e razoável convivência em *comunidade*, para que os gestos e as ações possam significar um viver mais justo e menos sofredor. Então, faz-se necessário a *formação* de uma consciência moral para a assunção de um agir socialmente responsável. Por outras palavras, a responsabilidade individual garante uma ética fundada em princípios e valores que norteiem o viver (Jonas, Arendt, Levinas). Neste sentido, é preciso fundar a responsabilidade individual numa ética reflexiva, crítica e dialógica, tendo por finalidade o bem comum, ou seja, visando a *formação* do sujeito ético, no qual possa prevalecer muito mais uma ética de princípios do que uma ética do dever. E são os princípios e não os interesses particulares que permitem ao sujeito ético organizar um novo modo de viver e um novo sentido ético para o alcance da tão almejada felicidade.

Seremos nós capazes deste grande desafio? Continuo a crer que sim!

**Regina Tralhão,**

*Instituto Superior Miguel Torga*